

Ação conjunta. Jardim da Penha vai lançar campanha antiesmola

Líderes comunitários querem o fim da doação de esmolas

Para eles, é a população que sustenta os moradores de rua, dando dinheiro, comida e até cachaça

DANIELLA ZANOTTI
dzanotti@redgazeta.com.br

■ Em Jardim da Penha e em Jardim Camburi, Vitória, a cada dia surgem mais moradores de rua ocupando praças e calçadas e dormindo em marquises de lojas. Muitos deles permanecem ali porque acabam sendo sustentados pela própria população que reside ou tem comércio nesses locais.

A Associação dos Moradores de Jardim da Penha (AMJAP) observa que houve um aumento no número de moradores de rua no bairro e que, parte disso, é culpa da população, que tem o hábito de dar esmolas.

Para combater o avanço do problema social, a AMJAP está organizando uma campanha para pedir às pessoas que não deem dinheiro, alimentos ou objetos para quem vive nas ruas. Nos próximos 15 ou 30 dias, serão distribuídos folderes com a frase: "Não dê esmola. Dê dignidade".

Segundo o coordenador-geral da associação, André Luis Alves, Jardim da Penha é um atrativo para aqueles que perambulam pela cidade em busca de doações.

"A população dá pão, marmiteira, lanche na feirinha e até cachaça, mas já estamos em contato com as padarias para não vender mais a bebida, que só incentiva a esse público a comprar", afirma Alves.

A maior concentração de moradores de rua em Jardim da Penha está na pracinha do supermercado EPA e na Ponte da Passagem. Para o coordenador da AMJAP, o objetivo da campa-



ACAMPADOS. A pracinha de um supermercado é um dos pontos preferidos da população de rua

nha é evitar que mais pessoas se aventurem a viver nas ruas.

"Percebemos o aumento do número de pedintes e do uso de drogas entre eles. Recebemos muitas reclamações porque os moradores de rua também costumam fazer as necessidades em frente às lojas, e isso prejudica o comércio. É um trabalho de conscientização junto à população, porque as pessoas devem saber que há outras formas de ajudar ao invés de sustentar o vício de quem está nas ruas".

Em Jardim Camburi, o ex-presidente da Associação Comunitária do bairro, Wanderley de Oliveira, destaca que a doação de esmolas também é um problema. "Quem está na rua rece-

be comida, e por isso vai ficando. Geralmente, são grupos de dez pessoas que dormem na pracinha da bocha do bairro. Is-

so traz insegurança porque já aconteceu, pelo menos duas vezes, de prenderem pessoas procuradas pela polícia", afirma.

“O próprio morador incentiva a permanência dessas pessoas nas ruas quando dá a esmola, mas isso só sustenta o vício das drogas”

ANDRÉ LUIS ALVES
COORDENADOR-GERAL DA AMJAP

Campanha também em outro município

■ Uma das propostas estudadas pela Prefeitura de Vila Velha para tentar reduzir o número de moradores de rua da cidade é de colocar em prática uma campanha educativa para quem mora ou frequenta a cidade não dar esmolas. Por enquanto, ainda não há uma data específica para começar o levantamento.

FÁBIO VICENTINI - 03/09/2009

Tenda para convencer pessoas a voltar para casa

■ ■ Hoje começa em Vitória um novo projeto para conseguir reduzir o número de moradores de rua na cidade. A Tenda da Cidadania será montada, a partir das 8 horas, embaixo da Ponte Seca, em uma das regiões com o maior índice de população de rua: a Vila Rubim.

A intenção do município é usar a tenda duas vezes por semana, pelo menos, sempre das 8 às 19 horas, mas em pontos diferentes. "O espaço será itinerante, assim como são os moradores de rua", frisa a secretária de Assistência Social, Ana Maria Petronetto Serpa.

As ruas dos bairros Jardim da Penha, Jardim Camburi e Praia do Canto estão na lista de locais por onde a tenda deve passar. "A ação será de manhã porque precisamos mudar o conceito de atendimento a esse público. Tentaremos oferecer serviços, sociais e médicos, para conhecer mais sobre essas pessoas e abrir novos espaços para convencê-las a largar as ruas", reflete a secretária.

A equipe de saúde está em companhia a de assistência social e a de cidadania e direitos humanos. "Na rua há muita gente sem documentos pessoais, por exemplo, ou com doenças graves. Há casos de tuberculose, de hanseníase e de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST)", diz a secretária. O serviço ainda pretende direcionar casos de dependência química por drogas.

Vila Velha troca a moradia na rua por um emprego

76% das pessoas que buscaram ajuda nos abrigos da cidade em abril conseguiram algum trabalho

■ ■ Por dia são atendidas cerca de 60 pessoas nos dois abrigos públicos, destinados a adultos, em Vila Velha. Mas, agora, a intenção do município é de ajudá-los a arranjar algum emprego para conseguir sair das ruas ou voltar para a sua cidade de origem. Em abril, 76% dos que procuraram os abrigos da cidade conseguiram um trabalho.

No mês foram 71 pessoas atendidas, sendo que 50 delas entraram no mercado informal e quatro no formal, com carteira assinada. "Nossa intenção é que os migrantes, principalmente - que acabam chegando à cidade e não conseguem emprego -, sejam ajudados", comenta Sheila Roque da Silva, coordenadora de Alta Complexidade da Ação Social.

Segundo ela, geralmente são pessoas que arriscam uma nova vida em uma outra cidade, mas que acabam sem dinheiro: morando nas ruas, em bancos de praça ou debaixo de

árvores. "Eles são acolhidos pela prefeitura e enviados aos abrigos para adultos. Aqui, fazemos uma triagem e começamos a procurar um novo emprego", explica Silva.

A maioria, por ter baixa escolaridade, acaba em empregos informais: como ambulantes, ajudantes de pedreiro ou trabalhos temporários. Mas alguns conseguem ter a carteira assinada. "Com o próprio dinheiro, eles saem mais rápido dos abrigos, alugam imóveis para morar ou decidem voltar para a cidade natal", diz a coordenadora.

Vitória reserva R\$ 10 mil por mês para passagens

A verba é destinada para migrantes, moradores de rua, que desejam voltar para sua cidade natal

■ ■ Você já deve ter ouvido ou conhece alguém que foi abordado na rua por uma pessoa que diz precisar de dinheiro para voltar para casa. As prefeituras da Grande Vitória dão as passagens de graça. A Capital, por exemplo, chega a reservar uma verba mensal de R\$ 10 mil com essa finalidade.

Mas a quantia nem sempre é usada. "Muitos dizem que que-

rem ir para a casa, mas desaparecem, depois, por não ter os documentos pessoais ou não querer apresentá-los. Geralmente, por ter algum processo judicial ou estar fugindo da polícia e não querer ser encontrado", explica a secretária de Assistência Social, Ana Maria Petronetto Serpa.

Segundo ela, a procura aumenta quando surgem em Vitória ou cidades da Região Metropolitana um novo boom por empregos. "Muitos migrantes acabam sem nada, somente com a vontade de voltar para a casa. Mas, hoje, entre os que vivem nas ruas, são minoria aqueles que gostariam de rever seus fa-

miliares", afirma a secretária.

O serviço de atendimento ao migrante fica próximo ao Sambão do Povo, no bairro Mario Ci-preste, que chega a receber, segundo Ana Petronetto, moradores de rua de cidades vizinhas.

Já o município de Vila Velha prefere agir de outra forma. "Temos casos de gente que só quer ir embora. Mas preferimos não dar a passagem", diz a coordenadora de Alta Complexidade da Ação Social, Sheila Roque da Silva. O município prefere arranjar um emprego temporário. "Assim ele paga a passagem com o próprio dinheiro", explica Silva.